Preço 1$00 Quinta-feira, 7 de Junho de 1956 Ano II - N.º 66

Semanário

A PROVÍNCIA

INFORMAÇÃO •• CULTURA •• RECREIO

AVENÇA

Proprietário, Administrador e Editor
V. S. MOTTA PINTO

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — AV. D. NUNO ÁLVARES PEREIRA - 18 — TELEF. 026 467
MONTIJO
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — TIPOGRAFIA «GRAFEX» — TELEF. 026 236 — MONTIJO

DIRECTOR
ÁLVARO VALENTE

O QUE É A RELATIVIDADE

Por
ÁLVARO VALENTE

Escreve-me um leitor estudioso (ainda os há) a pedir-me que lhe explique o que é a «Relatividade».

É extremamente difícil fazê-lo; mas vou tentar. E é extremamente difícil porque, num simples artigo de jornal, não é possível definir completa e profundamente uma teoria e um sistema algo complicados.

Vejamos, no entanto.

Einstein, como todos os grandes sábios, procurou descobrir a «estrutura do Universo». Ao mesmo tempo, procurava resolver o problema do Espaço e do Tempo.

A «Relatividade» destinava-se a explicar essa estrutura.

A teoria de Einstein opunha-se à de Newton e, segundo um dos seus biógrafos, denotava que ele era «um perfeito discípulo de Spinoza».

Newton declarara que «todos os corpos e todas as coisas tendem a permanecer em repouso»; Einstein, em oposição, afirmou que «tudo se encontra em movimento». E, desenvolvendo a sua teoria, acrescentava: — Os observadores vêem o objecto, a paisagem, o facto, por formas diferentes, — tal como três ou quatro testemunhas presenciais dum incidente o observam diferentemente, e até por vezes com pormenores antagónicos.

A verdade absoluta, portanto, não existe ou será, quando muito, «a combinação de todos os pontos de observação possíveis».

Como «toda a experiência é *relativa* na observação da experiência particular», a verdade absoluta sòmente poderá ser determinada pela soma de todas as observações relativas», — o que, afinal, seria uma variante da doutrina de Spinoza, quando enunciava que «o espírito de Deus era a combinação de todos os espíritos humanos dentro da estrutura da Eternidade».

Eis porque o seu biógrafo o classificava de discípulo de Spinoza.

Todavia, a nova teoria de Einstein baseava-se em deduções de mais alcance:

— A *velocidade*, a *direcção*, o *espaço*, e o *tempo*, são os factores da Relatividade.

— As *velocidades* dos corpos em movimento são relativas umas às outras, com excepção da velocidade constante da luz, a maior que conhecemos, e que é de trezentos mil quilómetros por segundo.

Esta é o factor fixo de todas as equações daquelas velocidades relativas.

— A *direcção* dum corpo em movimento é diferente nos vários pontos onde o mesmo se desloca. As experiências demonstraram que o objecto, observado em diversas posições e locais, cai umas vezes em linha recta e outras em linha curva.

— O *espaço* ocupado por esse corpo em movimento deminui pela contracção. Todos os corpos se contraem quando se movem. E essa contracção é tanto maior quanto maior for a velocidade, isto é, uma é proporcional à outra.

— O *tempo* é apenas um

(*Continua na página 4*)

A Biblioteca em sua casa

«O QUE É A UNESCO»

Por
José dos Santos Marques

Prefácio

A Civilização tem na cidade a sua expressão geográfica. O homem disperso nas regiões de cultura, ou isolado nas zonas de extracção, está, econòmicamente, subjugado pelas tarefas produtoras da riqueza; e, socialmente, ligado ao seu semelhante por relações elementares e demasiado familiares. Não dispõe, por isso, nem do ócio que faculta o chamado espairecer do espírito, nem do estímulo que resulta dos contactos, social e econòmicamente diversos e até opostos, que se propiciam nos grandes centros.

Nunca a Civilização floresceu nos campos de economia fechada, em que as populações se bastam a si próprias. Mas sempre encontramos nos centros cosmopolitas a mais brilhante expressão da riqueza material e cultural dos povos, acumulada através da experiência milenária da humanidade.

É na cidade, com efeito, que se armazenam as riquezas produzidas num território, é aí que elas se trocam por aquelas outras que o território não produz e que têm de ser atraídas doutras regiões distantes onde abundam, para bastar a população local. Do empório comercial resulta uma vasta organização económica, que se especializa nas actividades de transporte, de crédito, de organização de trabalho e de segurança colectiva. O centro comercial tranforma-se, desse modo, num centro político, onde os governos estabelecem as suas sedes e a vida colectiva dos povos se multiplica nas complexas actividades que traduzem o grau de civilização atingido pelas nações.

De tudo resulta, naturalmente, que as cidades são, além das sedes comerciais e políticas, os centros culturais por excelência.

É nas capitais, com efeito, que se encontram as Universidades, as Bibliotecas, os Museus, os Teatros, as Academias, os Institutos de Investigação e todas as demais associações onde se presta culto à inteligência, a grande característica peculiar do homem.

(*Continua na página 4*)

Carta de Lisboa

A Índia Portuguesa em face da Índia do Sr. Nehru

Conferência pelo escritor e publicista Dr. Alves de Azevedo, em Vila Franca de Xira

Integrada na «*Semana do Ultramar*», realizou-se em Vila Franca de Xira, nos Paços do Concelho, a anunciada conferência do sr. dr. Alves de Azevedo, a qual despertou o maior interesse e foi sublinhada com calorosos aplausos pela numerosa assistência que, com a maior atenção, escutou o magnífico trabalho literário do conferente.

A sessão foi presidida pelo sr. Tenente José de Sousa Nazaré, digno presidente da Câmara Municipal daquela vila, e na mesa de honra, tomaram lugar os srs. Faustino dos Reis Sousa em representação da Junta de Província do Ribatejo, Capitão José Maria da Silva Guedes Junior, vereador municipal, Tenente Alfredo Gonçalves, comandante da Secção da G. N. R. naquela vila, e dr. Vidal Baptista, director da Biblioteca-Museu Municipal, que fez a apresentação do conferente.

No seu referido trabalho, o autor evocou o significado, importância e permanência do espírito português que animou a grei lusíada na conquista e valorização espiritual do que é hoje o Estado da Índia.

Salientando o facto do estabelecimento de Portugal na India ter sido, sem dúvida, uma obra singular que mudou os rumos da civilização, disse da admiração de portugueses e estrangeiros por essa epopeia espantosa duma Nação de pequenos recursos e escassos dois milhões de habitantes ter podido realizar a dilatação da fé e do Império e edificado «entre gente remota» novo reino de tão extraordinária perenidade.

Assinalando a grandeza

(*Continua na página 5*)

Castelos de Portugal

BELMONTE

Sabe-se que o castelo foi reedificado por D. Diniz e consta de uma torre com 2 grandes janelas, uma voltada para o Sul e outra para o poente. É quadrada e junto delas se vêem as casas das antigas senhoras da vila e praça, tudo guarnecido por fora das muralhas de granito da serra da Estrela e, na parte exterior, todo à volta, altos baluartes o circundam. Foi senhor da vila e praça o *Gigante das Beiras*, pai de D. Pedro Álvares Cabral, descobridor das Terras de Santa Cruz — da família dos Cabrais, de que descende também Gonçalo Velho Cabral,[1] que no tempo de D. Diniz tinham também a fidelidade dos castelos de Portalegre, Arronches, e Castelo de Vide, por tomarem armas contra D. Diniz e a favor do Infante D. Afonso.

Neste castelo existia uma maça de ferro de que se servia o *Gigante das Beiras* e que pesava cerca de 15 Kg.

(1) — Comendador de Almourol, e senhor do morgado de Pias, Cardiga e Bezelga.

Prof. José Manuel Landeiro

VIDA PROFISSIONAL

Medicos

Dr. Avelino Rocha Barbosa
Das 15 às 20 h.
R. Almirante Reis, 68, 1.º
Telef. 026 245 — MONTIJO
Consultas em Sarilhos Grandes, às 9 horas, todos os dias excepto ás sextas feiras.

Dr. Eduardo Gomes
Consultas todos os dias às 17 horas
R. Machado Santos, 6-1.º
Telef. 026038 — MONTIJO

Dr. Fausto Neiva
Largo da Igreja, 11
Das 10 às 13 e das 15 às 18 h.
Telef. 026256 — MONTIJO

Dr. J. Sousa Correia
CLINICA DENTÁRIA
Dentes artificiais e consertos
Consultas todos os dias
das 11 às 13 e das 15 às 17 horas
Rua Bulhão Pato, 58 — MONTIJO

Dr. M. Santos Cruz
Interno dos hosp. civis de Lisboa
Doenças da boca e dentes
Dentes artificiais
Consultas às 2.as e 6.as feiras
às 14 horas.
R. Bulhão Pato, 7 — Montijo

Dr.ª Isabel Gomes Pires
Ex-Estagiária do Instituto
Português de Oncologia.
Doenças das Senhoras
Consultas às 3.as e 6.as feiras
R. Almirante Reis, 68-1.º - Montijo
Todos os dias
Rua Morais Soares, 116-1.º
LISBOA Telef. 486 19

Parteiras

Felisbela Victória Pina
Parteira - Enfermeira
Partos, injecções e tratamentos
Rua Sacadura Cabral, n.º 50
MONTIJO

Augusta Marq. Charneira Moreira
Parteira-Enfermeira
Diplomada pela Faculdade de
Medicina de Coimbra
Rua Tenente Valadim, 29-1.º
MONTIJO

Advogados

Dr. Alberto Cardoso do Vale
Escritório: Praça da República, 4
MONTIJO

Dr. Raúl Elias Adão
Montijo — Telef. 026 252
Praça do Quebedo, 1 - r/c
Telef. 2240 — Setúbal

MONTIJO

FESTAS POPULARES DE S. PEDRO

Faltam apenas vinte dias para que as nossas Festas estejam em plena euforia. O mesmo é que dizer: As Festas Populares de S. Pedro estão à porta.

Já circulam os respectivos programas, os quais despertam a atenção geral pela perfeita disposição e ilustração dos mesmos.

Nos sete dias festivos, isto é, de 27 de Junho a 3 de Julho, não fáltam números de sensação e de entusiasmo, sendo de prever que mais uma vez tudo decorrerá com o maior êxito.

Há números que são esperados com ansiedade, em face do modo como tudo está sendo organizado e dirigido pela incansável Comissão.

A Batalha de Flores, a Marcha Luminosa, a Procissão, a Bênção dos Barcos, a Queima do Batel, os concertos musicais, os ranchos folclóricos, constituem outros tantos atractivos que provocam essa ansiedade.

A Batalha de Flores tem este ano mais uma atracção, — a presença do «Vespa Clube de Lisboa» com sua vistosa e simpática representação, — *feliz iniciativa de «A Província»* que a Comissão imediatamente acarinhou e patrocina.

A' sub comissão, nomeada para esse fim, foram agregados os «vespistas» montijenses srs. Francisco Tobias Junior e Américo Mendes Pinto, tudo se conjugando para que o acontecimento seja devidamente celebrado como merece.

No próximo número publicaremos o programa definitivo desta honrosa visita a Montijo, e desta não menos honrosa colaboração na Batalha de Flores, a qual vai, decerto, concorrer para maior imponência e brilhantismo desse grandioso cortejo.

Dizem-nos que as ornamentações e iluminações, entregues ao conceituado decorador Constantino Lira, serão este ano inéditas e de extraordinária concepção artística.

Não nos repugna acreditar que se assim seja, dada a competência daquele artista e da sua vontade inegualável de corresponder à simpatia de que goza na nossa terra.

Sabemos também que o trânsito de veículos e o caso dos parques de estacionamento estão sendo estudados com a maior atenção pela Comissão das Festas, de maneira que tudo se resolva para maiores facilidades do movimento extraordinário do costume.

A marcação de terrenos para as barracas da Feira Franca atingiu o seu auge.

A Comissão entrou na fase exaustiva que só terminará para lá, muito para lá, dos dias das Festas.

Que os seus esforços sejam devidamente compreendidos e apreciados, — como nós os compreendemos e apreciamos —, são os nossos ardentes votos.

A COMARCA DE MONTIJO

Saiu agora um decreto que, parecendo à primeira vista não nos interessar directamente, pode, no entanto, ter grande repercussão na vida actual da nossa Comarca.

Não se trata, é evidente, dum brado de alerta que atirássemos aos ares, nem o caso é para tanto. Trata-se apenas dum aviso, dum toque neste assunto. Serve, talvez, para prevenção, pois é bom estarmos sempre prevenidos para o que der e vier.

O decreto, saído no dia 29 do mês passado, nomeia dois Juizes para a Comarca de Almada, atendendo ao grande movimento que essa comarca tem e pode vir a ter, com várias determinações judiciais que denotam essa esperança.

Por causa destes factos, já se fala na ida do vizinho Concelho do Barreiro para essa comarca, — o que seria um golpe profundo na nossa.

Desagregado o Concelho do Barreiro da nossa Comarca, era mais do que certo que esta passaria a Comarca de 3.ª, o que equivaleria a dizer-se que passávamos de «cavalo para burro».

Queremos acreditar que tal se não dará, pois nem aos habitantes do Barreiro isso conviria. Se a vinda a Montijo os prejudica, como dizem, muito mais os prejudicaria se tivessem de se deslocar a Almada.

Os transportes para Montijo são incomparavelmente mais rápidos e mais económicos, e muitas vezes se consegue realizar as diligências de modo a que os interessados voltem às obrigações, sem perderem o dia.

Compreende-se a criação da Comarca do Barreiro, dentro das aspirações naturais desse povo. É caso a ponderar e compete às instâncias oficiais estudá-la e resolvê-la consoante o critério que seguirem.

Não se compreende, porém, este desagregamento em que se fala.

Nenhuma vantagem, e maiores prejuizos, — segundo julgamos.

Temos a convicção de que os próprios barreirenses estarão de acordo connosco, quando assim falamos, e que serão os primeiros a manifestar o seu descontentamento se tal facto vier a ser uma realidade.

Pode não haver nada, pode tratar-se dum simples boato; mas não faz mal este pequeno sinal de «atenção», que pode, entretanto, servir para evitar dissabores futuros.

Que esse sinal seja devidamente compreendido e atentamente apreciado, são os nossos melhores desejos, não vá depois acontecer que seja tarde, como quase sempre acontece com as nossas coisas.

Liga dos Combatentes da Grande Guerra

Delegação de Montijo

No próximo dia 10, pelas 11 horas, vai esta Delegação proceder à cerimónia da posse do talhão privativo, no cemitério local.

A esta cerimóuia, decerto simples mas significativa, digna-se assistir o sr. general Daniel de Sousa, presidente da Comissão Administrativa da Liga, que, para esse fim, se desloca a Montijo no referido dia.

O sr. general Daniel de Sousa será recebido, antes daquela cerimónia, no salão nobre da Câmara Municipal, onde lhe serão dadas as «boas vindas».

Depois da cerimónia, ser-lhe-á oferecido um almoço pela Delegação, a que assistirão muitos convidados.

A Delegação espera que todos os combatentes compareçam à recepção ao sr. general Daniel de Sousa, e bem assim à cerimónia no talhão privativo do cemitério, a fim de se dar a esses actos o maior brilhantismo e elevação.

E' de ressaltar, nesta notícia, a forma verdadeiramente dedicada e patriótica como essa Delegação tem desempenhado o seu mandato, procurando conseguir para todos os combatentes regalias e vantagens, cumprindo com acrisolada vontade a sua nobre tarefa.

O talhão privativo, cuja posse agora se efectua, é mais uma demonstração desta afirmativa.

«A Província» cumprimenta efusivamente a Delegação e os Combatentes, saúda o sr. general Daniel de Sousa pela sua ilustre visita à nossa terra, e agradece, muito reconhecida, a deferência do convite que lhe dirigiram.

Vendas a pronto e com pagamentos suaves

Vende-se em Montijo na
REPAL, L.DA
Praça Gomes Freire de Andrade, 22
Telefone 023867

Tendo V. Ex.ª que efectuar Seguros em qualquer ramo não deixe de consultar
Luís Moreira da Silva
Rua Almirante Reis, 27
Telefone 026 114
MONTIJO

Telefone 026 376
Para boas Fotografias
Foto Montijense

SANFER, L.DA
SEDE — LISBOA, Rua de S. Julião, 41-1.º
ARMAZÉNS — MONTIJO, Rua da Bela Vista
AEROMOTOR SANFER o moinho que resistiu ao ciclone - FERROS para construções, ARAMES, ARCOS, etc.
CIMENTO PORTLAND, TRITURAÇAO de alimentos para gados
RICINO BELGA para adubo de batata, cebola, etc.
CARRIS, VAGONETAS e todo o material para Caminho de Ferro
ARMAZENS DE RECOVAGEM

GUIDA dos SANTOS Romão
Alfaiata profissional para Homens, Senhoraa e Crianças
Roupas feitas e a metro, e calçado, a preços ao desbarato.
Fatos feitos, desde 180$00, e casacos, de bons tecidos, a 280$00
Também se fazem fatos, com bons forros, a 180$00, 200$00, e 230$00 — Responsabiliza-se por todo o seu trabalho. — Cartões de habilitação, a 2$50 semanais, com direito ao brinde de um vigésimo.
R. da Misericórdia, 23 - MONTIJO

MONTIJO

AGENDA ELEGANTE

Aniversários

— Dia 3 de Maio, a Sr.ª D. Isoldina das Dores Neves Ferreira, [illegible] nossa dedicada assinante [illegible] Ferreira.

— Dia 27, a menina Carlota Maria Gonçalves Borges Landeiro, [illegible] de Setúbal, e filha do nosso prestimoso colaborador [illegible] Manuel Landeiro.

— Dia 31, o menino Manuel [illegible] Marques, filho do nosso estimado assidante Sr. José [illegible]

— Dia 31, a menina Maria José [illegible] filha do nosso estimado assinante no Lobito, Sr. [illegible] Pontes.

— Dia 3 de Junho, a Sr.ª D. [illegible] Marcelino de Carvalho, [illegible] nosso dedicado assinante [illegible] Urbano de Carvalho.

— Dia [illegible], o menino Víctor Manuel da Encarnação, filho do nosso estimado assinante Sr. Inácio da Encarnação.

— Dia [illegible], o menino António Maria da Silva Nacha, sobrinho do nosso estimado assinante Sr. António [illegible]

— Dia 5, a menina Maria Adelaide Pinto Baliza, filha do nosso estimado assinante Sr. Francisco Tavares Baliza J.or.

— Dia 6, a menina Maria Antónia da Cruz Motta Pinto, filha do nosso querido e estimado proprietário de «A Província» Sr. V. S. Motta Pinto.

— Dia 9, o menino José Joaquim Pialgata Víctor, filho do nosso estimado assinante Sr. José Maria Víctor J.or.

— Dia 11, o menino António José Félix Pontes, filho do nosso estimado assinante no Lobito, Sr. José Félix Pontes.

Casamento

No passado dia 26 de Maio, realizou-se em Fátima o casamento da sr.ª D. Maria Cristina Couceiro Nunes, gentil filha do nosso estimado assinante sr. Adelino Nunes, e de sua esposa sr.ª D. Benilde Maria Diogo Couceiro Nunes, com o sr. João Carlos Piteira, filho do também nosso prezado assinante sr. João Tomás Piteira e de sua esposa sr.ª D. Helena Relógio Piteira.

Foram padrinhos, por parte da noiva: o sr.ª D. Maria Augusta Santos e o sr. António dos Santos; e por parte do noivo: o sr. Dr. Cristiano Mendonça e a sr.ª D. Sofia Relógio.

Foi celebrante o Rev.º Arlindo Diogo Tavares, primo da noiva, que, no final, fez uma interessante prática alusiva ao acto.

Finda a cerimónia, houve um lauto «copo de água» na Estalagem Catarino, em Fátima, seguindo depois os noivos em viagem de núpcias pelo país.

Fazendo votos pelas felicidades do novo lar, felicitamos os noivos e seus pais, e desejamos aos nubentes muitas venturas.

AGRADECIMENTO

Adelaide Almeida da Cunha, na impossibilidade de o fazer pessoalmente, vem por este meio testemunhar a todas as pessoas de Montijo e arredores que acompanharam o seu saudoso marido à sua última morada e que de qualquer forma lhe manifestaram o seu pesar, a sua maior gratidão, o seu sincero reconhecimento.

Agradecimento

José Augusto dos Santos e José Eduardo Pascoal Pereira, vêm por este meio agradecer muito reconhecidos ao Ex.mo Sr. Dr. Eduardo Marques Perdigão, a solicitude e carinho com que tratou sua afilhada Maria Elizabete Pascoal Pereira Martins, que foi operada há alguns dias no hospital de Montijo. Igualmente segue o seu reconhecimento para os Ex.mos médicos assistentes e restante pessoal deste estabelecimento hospitalar.

Programa provisório da visita do «Vespa Clube de Lisboa» a Montijo, por ocasião das Festas Populares de S. Pedro

DIA 1 DE JULHO

Até às 9 horas: — Concentração dos vespistas na Praça Marquês de Pombal (Parque Eduardo VII), onde se encontrará a equipa de reportagem radiofónica da Comissão das Festas de Montijo, com Vilas-Boas ao microfone, que fará uma série de entrevistas e acompanhará os vespistas até Montijo, num relato circunstanciado para Rádio Clube Português.

A's 9 horas prefixas: — Partida para Montijo, cujo percurso será: Almirante Reis, Aeroporto, Vila Franca de Xira (onde se juntarão os elementos do Vespa Clube de Vila Franca de Xira), Porto Alto, Montijo.

A's 10 horas: — Chegada ao Porto Alto, onde os vespistas serão aguardados por uma caravana de sócios do Vespa Clube de Montijo e pelo redactor de «A PROVÍNCIA», que lhes apresentarão as «boas vindas» e encabeçarão o cortejo.

A's 11 horas: — Entrada dos vespistas em Montijo, onde serão lançados numerosos foguetes em sua honra.

— Desfile pelas ruas de Montijo.

— Distribuição a todos os vespistas do número especial do semanário «A PROVÍNCIA».

— Cumprimentos de boas vindas aos vespistas nos Paços do Concelho, com a presença de S. Ex.ª o sr. Presidente da Câmara Municipal, Dig.ma Comissão das Festas, Dig.mos Director e Proprietário de «A PROVÍNCIA» e outras individualidades em destaque.

— Os vespistas arrumarão as suas máquinas no Mercado Municipal, em construção.

Durante o almoço um funcionário do V. C. L. meterá 3 litros de mistura, grátis, em todas as máquinas pertencentes aos sócios dos Vespas Clubes presentes.

A's 13 horas: — Almoço volante oferecido por «A PROVÍNCIA», pela Dig.ma Comissão das Festas e pelo Vespa Clube de Montijo.

— Inauguração oficial do Vespa Clube de Montijo.

— Distribuição dos prémios do Rali de Coimbra, realizado pelo Vespa Clube de Portugal.

A's 15 horas: — Visita aos locais das Festas.

A's 17 horas: — Concentração dos vespistas no Mercado Municipal, em construção, a fim de se dirigirem ao local que lhes for designado para tomarem parte na Batalha de Flores.

A's 18 horas: — Início da Batalha de Flores, onde todas as «VESPAS» tomarão parte, devidamente ornamentadas pelo Vespa Clube de Lisboa.

Tomará igualmente parte na grande Batalha de Flores um carro alegórico da «VESPA» com gentis raparigas montijenses, nos seus trajes regionais.

Finalmente: — Regresso a Lisboa, à hora a acertar.

«A Província» — n.º 66 7/6/1956

Anúncio

(2.ª publicação)

Pela 2ª. Secção de Processos da Secretaria Judicial desta comarca, correm éditos de vinte dias, contados da segunda e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos do executado João Joaquim Malheiro, carteiro, residente na Avenida D. Afonso Henriques, nº. 12 — Barreiro, e actualmente a prestar serviço no Sector Postal, sito na Praça de Comércio — Lisboa, para, no prazo de dez dias, posterior àquele dos éditos, deduzirem os seus direitos na Execução Sumária movida por José Martins, casado, comerciante, residente na Rua 20 de Abril, nº. 54 — Barreiro.

Montijo, 19 de Abril de 1956

O Chefe da Secção,

Francisco António Faria

Verifiquei:

O Juiz de Direito,

José Maria Pereira de Oliveira

Concurso Hora Feliz

Na sexta feira, 1 do corrente, (por ser feriado na véspera) abriu-se mais uma vez o relógio lacrado e depositado na nossa redacção, referente ao Concurso que a Ourivesaria e Relojoaria Contramestre, da Praça 1.º de Maio, está realizando.

Aberto o relógio, na presença de três assistentes, verificou-se que parara nas:

7 horas e 15 minutos

O prémio pertenceu à Sr.ª D. Júlia Rosa Gomes da Cruz, moradora na rua da Misericórdia, 38, em Montijo, portadora do respectivo cupão.

AO CONCURSO HORA FELIZ!

Campanha Nacional de Educação de Adultos MONTIJO

Integrado, desde a primeira hora, no verdadeiro sentido da Campanha Nacional de Educação de Adultos, o senhor José Salgado de Oliveira tem proporcionado ao curso dos seus empregados, que funciona na sede da sua empresa, todas as facilidades para que a sua alfabetização seja uma realidade.

Para isso, adaptou uma das dependências da fabrica a sala de aula, dotada com o material didáctico indispensável ao bom funcionamento de uma escola.

Fornece todo o material escolar de que eles necessitam como sejam livros, cadernos, canetas, borrachas, etc.

Não limitando a sua acção educativa apenas às lições na escola, deliberou proporcionar-lhes passeios de estudo que muito hão-de contribuir para um melhor desenvolvimento do gosto estético, artístico e histórico dos seus operários.

Assim, no passado dia 20, deu-lhes o prazer de fazerem a visita ao Castelo e convento de Palmela, um dos monumentos nacionais de maior projecção na História de Portugal, nesta região sadina.

Os operários — alunos — foram acompanhados pelo Prof. José Manuel Landeiro, orientador das Visitas a Museus e Monumentos no Distrito de Setúbal.

Neste passeio, útil e agradável, os empregados da Firma José Salgado de Oliveira tiveram ocasião de aprender ensinamentos relacionados com a arte, história e até com a própria indústria da especialidade desta empresa.

Para uma sólida aprendizagem não há melhor que uma lição concreta, prática e intensiva, pois são as que maior repercussão têm no espírito do educando, autêntica tábua rasa em que o que se escreve, jamais se apaga.

Estamos certos de que o exemplo do senhor José Salgado de Oliveira, que é já do conhecimento das estações superiores, há-de frutificar no nosso meio.

LUTUOSA

No dia 30 de Maio faleceu em Montijo o sr. José António dos Santos Carapinha, casado, de 70 anos de idade, pai das sr.as D. Carmina dos Santos e D. Maria dos Santos, e dos sr.s Firme dos Santos e José dos Santos, e sogro dos nossos prezados assinantes sr.s Francisco Gervásio e Eduardo dos Santos Baeta.

Apresentamos o nosso cartão de pêsames a toda a família e, nomeadamente, àqueles nossos assinantes.

Batalha de Flores

Pede-nos a Comissão das Festas para lembrarmos aos moradores das artérias, por onde desfilará a Batalha de Flores, que ornamentem suas janelas e se munam de serpentinas, flores, etc., a fim de proporcionarem mais brilho e mais entusiasmo a esse número do programa.

Aqui fica a lembrança, certos de que o desejo da Comissão será atendido, como merece.

Aniversário

António da Silva

(Residente em Nova Lisboa)

A Família e os Amigos vêm por intermédio de «A Província», enviar-lhe os parabéns pelo seu aniversário, e desejar-lhe que Deus sempre o abençoe.

Pneus

Novos, diversas marcas, com descontos de 12 a 14°/° ao preço da tabela, em 12 prestações mensais.

Agente em Montijo, Francisco José da Silva-Telef. 026150

Fios de Lã para Tricot

QUALIDADES NACIONAIS E ESTRANGEIRAS

Preços de Fábrica. Venda directa ao público. Executam-se encomendas e enviam-se amostras pelo correio.

Rosa & Companhia

(Ao lado da Casa Condeixa)

Telef. 31412 — **Rua Arco Bandeira** — 219-3.º-Esq.º

LISBOA

AGENDA UTILITÁRIA

Farmácias de Serviço

5.ª-feira, 7 — *Moderna*
6.ª-feira, 8 — *Diogo*
Sábado, 9 — *Giraldes*
Domingo, 10 — *Montepio*
2.ª-feira, 11 — *Moderna*
3.ª-feira, 12 — *Diogo*
4.ª-feira, 13 — *Giraldes*

Boletim Religioso

Culto Católico

MISSAS

5.ª-feira — às 9 e 10 horas.
6.ª-feira — às 8,30 e 9 horas.
Sábado — às 6 e 10 horas.
Domingo — às 8, 9, 10 e 11,30 horas (Atalaia) — 11,30 e 18.

Culto Evangélico

Horário dos serviços religiosos na Igreja Presbiteriana, Rua Santos Oliveira, 4, Montijo.

Domingos — Escola Dominical às 10 horas, crianças, jovens e adultos. Culto divino às 11 e às 21,30 horas.

Quartas Feiras — Culto abreviado com ensaio de hinos religiosos às 21,30 horas.

Sextas Feiras — Reunião de Oração às 21,30 horas.

No segundo Domingo de cada mês celebração da Ceia do Senhor, mais vulgarmente conhecida por Eucaristia ou Sagrada Comunhão.

Espectáculos

CINE POPULAR

5.ª feira, 7; «Romance dum Jogador» com «Chamada dum Desconhecido» e Revista Paramount.

Sábado, 9; O último *filme* da presente época de Eddie Constantine, o artista das multidões, «Eu sou um Sentimental».

Domingo, 10 e 2.ª feira, 11; O sumptuoso *filme* em Cinemascópio «Frou-Frou».

CINEMA 1.º DEZEMBRO

Sábado, 9; (Para 18 anos) «Fumos de Ambição» com Gary Cooper e «A Mulher dos Mares do Sul» com Burt Lancaster e Virgínia Mayo.

Domingo, 10; (Para 18 anos) O famoso *filme* de espionagem em Cinemascópio «Oasis» com Michele Morgan.

2.ª feira, 11; (Para 18 anos) O famoso drama italiano «Almas em Pecado» e lindos complementos.

4.ª feira, 13; (Para 18 anos) O *filme* mais caro do ano «Ricardo III» em Tecnicolor e VistaVision e ainda lindos complementos e Jornal Universal de Actualidades.

Trespassa-se

— PENSÃO, com taberna, camas, adega e esplanada. Ver e tratar na Rua Almirante Reis, 108 - Montijo.

Vendem-se

PRÉDIO com r/c e 1.º andar — estilo moderno em bom local no Pinhal Novo. — Trata José Madeira Junior — Casa do Relógio — Afonsoeiro (Montijo).

— JOANINHA impecável, resposta a José Ferro Marques — Baixa da Banheira - Alhos Vedros - Telef. 024 0 82.

Precisa-se

— EMPREGADO dos 13 aos 16 anos - Pastelaria Mimosa - Montijo.

MOEDAS ANTIGAS

Em cobre, prata ou ouro, compra particular. — [illegible]

Rua Almir. Cândido dos Reis, 14

MONTIJO

A Biblioteca em sua casa

(Continuação da primeira página)

Ao contrário, nas vilas e nas aldeias, nas extensas regiões que se agrupam sob a designação genérica de *província*, a fraca densidade populacional limita a vida social ao elementar; a circunstância de não estarem localizadas nos grandes feixes de circulação divorcia-as dos fecundos movimentos de ideias, que sempre acompanham as transacções em grande volume; e a vida sujeita a um trabalho rudimentar sempre igual monotoniza a actividade dos grupos, que não chegam a encontrar no colectivo a expressão das suas dores e das suas inquietações individuais.

A designação geográfico-social de *província* cinge-se dum modo geral às regiões de cultura agrícola, que entre nós se caracterizam pelo seu individualismo, pelos processos rudimentares de exploração e pelo afervorado conservadorismo, que dá aos seus habitantes a plena justificação do qualificativo — «provincianos».

Mas se é a história que nos ensina que são estas as diferenças fundamentais entre cidade e aldeia, entre capital e província, é a história também que diz dum fenómeno económico-social novo que foi introduzido no seu curso desde há cerca de um século, o qual é o industrialismo, que revolucionou a feição social dos povos e que tem levado a sua influência até aos lugares mais recônditos do globo.

Com efeito, a multiplicidade quase infinita que a máquina veio trazer à produção, obriga os agentes produtores a uma busca afanosa de mercados para a colocação dos seus produtos. O industrialismo não pode respeitar as fronteiras que dividem as nações, e quando os povos de civilização branca esgotaram as suas possibilidades de compra, foram os países que se designam de atrazados inundados pela super-produção. Unificaram-se as civilizações, o mundo encaminha-se para a unidade.

Neste apelo intenso, incessante, dramático, a todo o poder de compra, as diferenças sociais clássicas desvaneceram-se e o conceito de democracia generalizou-se e ampliou-se. Com chamada ao poder de compra veio o direito ao voto, que depois subsistiu, mesmo quando o poder de compra se esgotou para as camadas mais amplas da sociedade.

Por outro lado, a própria técnica propiciou as novas vias de transmissão do pensamento e da informação, como o livro, o jornal, o rádio, o cinema, etc., sendo por elas abolidas as barreiras naturais e vencidas as distâncias mais longínquas.

Os pequenos grupos sociais venceram a sua natural limitação — o isolamento. O indivíduo, mesmo fechado em sua casa, pode estar em contacto com os grandes acontecimentos do mundo e através do livro pode ter à sua mão o somatório dos conhecimentos humanos e as mais belas produções dos maiores valores literários.

A técnica aproximou dos homens as grandes possibilidades para a sua libertação. É necessário agora que o homem amolde a vida pública ao pleno usufruto das felicidades de que dispõe. E que saiba orientar-se na tormenta que o tem deixado perplexo. A desintegração do átomo tanto pode ser o limiar da idade do ouro da humanidade, como pode ser a sua tumba.

Por José dos Santos Marques

O antagonismo entre cidade e província deve dar lugar a uma tendência de complementariedade. Naturalmente que a cidade continuará a ser, pelo grau mais elevado da sua vida social, o centro por excelência da cultura. Não um centro que se feche sobre si, orgulhoso e egoísta, ignorando os milhões de indivíduos que se dispersam pelas províncias, mas um certo aglutinador, que anime a antiga gente provinciana a atingir a sua maioridade intelectual.

Aonde está um homem, aonde quer que esteja, está um valor. A sociedade não pode, sem se condenar a si própria, desprezar o indivíduo. Valorizá-lo, dar-lhe plena consciência de si, integrá-lo nos elevados ideais humanos, é o sentido próprio do humanismo.

A extensão cultural está, desse modo, em plena actualidade. A cidade é, por si só, um campo limitado para a difusão da cultura. Nas vilas, nas aldeias, nas pequenas cidades provincianas, o homem é também um ser pensante e o seu espírito exige alimento. Aí também é Portugal.

A UNESCO é a grande realidade internacional dos nossos dias, que empreendeu a cruzada da extensão cultural. Chamar à civilização os povos mais distanciados, atrair à cultura as camadas menos afortunadas. Dar aos homens a alegria de viver e um sentido humano à existência.

Com o nome daquela organização internacional, ou com o de mais modestas organizações nacionais — essa é uma das tarefas que incumbe à nossa geração.

Nessa cruzada não são os governos só que têm tarefas a cumprir. Os intelectuais, escritores, artistas, professores, os editores e livreiros, os párocos, os médicos e as juntas de freguesia, todos são poucos para a grande empresa do humanismo contemporâneo.

E se os nossos intelectuais bem compreenderem o sentido da actualidade, poderá ser — e deverá ser — que perca o sentido aquele queixume do nosso Antero de Quental — já lá vai um século! — quando se lamentava de que «os nossos escritores parece falarem-se mais entre si do que com o povo».

O que é a Unesco

Há anos que os jornais falam, de vez em quando, na Unesco. Um novo organismo internacional foi criado. Mas, entretida como tem andado a Imprensa com os casos de sensação, com as grandes intrigas diplomáticas dos tempos presentes, a Unesco não vem à ribalta da publicidade senão de tempos a tempos, ocupando umas magras linhas dumas escondidas colunas do interior de página.

Entretanto, as nossas livrarias começaram a apresentar nos escaparates algumas publicações daquele novel organismo. E, mais recentemente, exposições públicas cuidadosamente preparadas nas quatro principais cidades do país vieram chamar a atenção do público — do restrito público que ainda se preocupa com as questões de cultura — para essa realidade, entre nós envergonhada, dos novos tempos.

— O que é a Unesco?

— Tem ela algum significado histórico ou social?

— Representa alguma coisa para nós?

São essas as questões fundamentais que aqui nos ocupam.

(*Conclui no próximo número*)

O que é a Relatividade

(Continuação da 1.ª página)

relógio deste planeta que serve para medir o movimento do corpo. O dia, por exemplo, é uma medida do movimento através do espaço. E, sendo o tempo uma dimensão do espaço, qualquer fenómeno da Terra pode ser amanhã ou mais adiante fenómeno noutro planeta.

A *velocidade*, a *direcção*, o *espaço*, e o *tempo* são, pois, relativos.

O mundo não tem, portanto, três dimensões (as três primeiras enunciadas), tem uma quarta adicional: — o tempo.

De tudo isto, o mais importante e o que viria revolucionar as velhas teorias, seria a «célebre fórmula que demonstraria incontestàvelmente a equivalência entre a Energia e a Massa».

Isto é o mesmo que dizer que não houve prioridade entre uma e outra, na concepção escolástica existente. Houve existência igual, ao mesmo tempo. E uma pode transformar-se na outra, por processos que estiveram incógnitos e passaram depois à prática com mais estudos.

A produção de Energia Nuclear foi a demonstração dos princípios basilares e, por de mais processos em marcha, estamos a caminho da segunda demonstração.

É claro que todas estas teorias tiveram contraditores, e possivelmente, ainda há quem tal não aceite.

Toda a vida se disse e se ensinou que «o caminho mais curto entre dois pontos, é a linha recta». Como se poderia admitir que o axioma fosse mudado para: «o caminho mais curto entre dois pontos, é a linha curva»?

Tudo isto tornou Einstein o sábio mais discutido e mais popularizado dos nossos tempos. Os filósofos e os cientistas ficaram estupefactos; mas renderam-se à evidência dos factos.

A Relatividade foi uma grande janela, com ar revigorante e renovador, que se abriu no edifício da Ciência, e por ela entraram os novos princípios que vieram alterar e modificar quanto existia de fundamental.

Einstein subiu, então, no conceito mundial e teve que suportar as inquisitoriais controvérsias que as suas concepções criaram.

Por outra banda, a fama trazia-lhe maçadas e incómodos permanentes.

Um jornalista queria saber o que era a Relatividade e entrevistava-o em sua própria casa. O sábio recebia-o de roupão e chinelas, como era de seus hábitos modestos. O jornalista, porém, não deixava de o examinar dos pés à cabeça. Ele, ao ver a insistência, perdeu a tramontana e atirou-lhe: O senhor vem para saber da Relatividade ou para estudar a minha indumentária?

Um produtor de fitas já queria que ele figurasse numa película que iria causar assombro. Ele exasperou-se e descompô-lo: O senhor imagina, porventura, que eu sou artista de cinema, que me presto aos fins comerciais que procura?

E, entretanto, as teorias einsteineanas ganhavam terreno e a Relatividade tinha que ser aceite universalmente.

Os compêndios serão emendados e o ensino seguirá novas estradas. O futuro o dirá, pois o presente assim o encaminha.

Não sei se satisfiz por completo o meu leitor.

Repito: É difícil, na curta expansão dum artigo, desenvolver o que precisaria de dois ou três volumes.

Nestas circunstâncias, foi o que pude oferecer-lhe...

Álvaro Valente

Valores que chegam

Poema:

«A MORTE DO ROUXINOL»

Silenciosa e triste cai a noite.
Lá longe canta o rouxinol,
Contando ao salgueiro,
A sua triste dor:
— Tudo é escuro, solidão,
E ele, chora desolado.
Olhando o ulmeiro,
Cedendo à viração,
O seu coração magoado
Chora! chora!...
E o pequeno riacho,
Escutando seu queixume
Parou naquela hora!
Hora sublime!
E o rouxinol, voz cristalina,
Doce, maviosa,
Contempla extasiado
O triste desabrochar da rosa.
Então, o seu coração magoado,
Despede num frenesi, quase loucura,
As últimas notas que ficam no espaço,
Caindo depois como poeta alucinado!
E tudo terminou naquela hora!
O rouxinol tombou sem vida,
Encontrando nas águas sepultura!...

Teresa Helena Pereira Pascoal

Organizações Progresso

AGENCIA PUBLICITÁRIA

Apresenta semanalmente, no Clube Radiofónico de Portugal, todas as 3.as feiras e sábados, respectivamente às 13 e às 22 e 15 horas o programa radiofónico

REVISTA DESPORTIVA

15 minutos em que fala do desporto e a favor do desporto. Produção associada de: Fernando de Sousa, Fernando de Lacerda e Veríssimo Alves. Brevemente novos programas e novas rubricas. Para a sua publicidade consulte

Organizações Progresso

Av. de Roma, 207, 3.º-Esq.º
LISBOA

Liga Portuguesa de Profilaxia Social

A Campanha do pé descalço extensiva a todo o País

A Sua Ex.ª o Senhor Subsecretário de Estado da Assistência Social, acaba a Liga de Profilaxia de enviar o seguinte ofício:

Excelência: Pelo Ex.mo Snr. Dr. Domingos Braga da Cruz, ilustre Governador Civil do Porto, tivemos a honra de tomar conhecimento do notável documento dimanado da Direcção Geral de Assistência, e enviado por ordem de Vossa Excelência a todos os estabelecimentos oficiais dependentes desse Subsecretariado, determinando que prestem toda a colaboração à velha campanha da Liga Portuguesa de Profilaxia Social, contra o perigoso e repugnante hábito do pé descalço, causa de tantos sofrimentos e mortes.

A Liga Portuguesa de Profilaxia Social endereça, por isso, a Vossa Excelência, as mais entusiásticas e respeitosas saudações, bem como os seus mais rendidos agradecimentos, pois com esta justa decisão vem Vossa Excelência prestar um alto serviço à Pátria, em vários sectores, quer seja no da Assistência, onde se têm gasto somas importantíssimas com o tratamento, nem sempre coroado de êxito, de doenças perfeitamente evitáveis, quer seja no sector do Turismo Nacional, onde este hábito tem causado a mais viva repulsa aos estrangeiros que nos visitam em número cada vez maior.

Temos fundadas esperanças em que após a publicação de um opúsculo que já está preparado e que se intitula «O Pé Descalço» — «uma vergonha nacional que urge extinguir», que deve entrar no prelo dentro em breve, outros Departamentos Oficiais da mais alta importância nos darão também todo o seu precioso concurso, de modo a tornarmos em realidade uma das mais velhas aspirações da Liga Portuguesa de Profilaxia Social, que data já do ano de 1928.

Apresentamos a Vossa Excelência os nossos mais efusivos cumprimentos e confessando-nos muito reconhecidos, subscrevemo-nos com a mais elevada consideração e apreço, — A Bem da Nação, Os Directores, — *aa) António Emílio de Magalhães — Gil da Costa.*

III Feira do Ribatejo

Começou no dia 3, e prolonga-se até o dia 17 do corrente, a III Feira do Ribatejo, na cidade de Santarém.

O programa deste ano é cheio de surpresas e atractivos. A parte tauromáquica está preenchida com a toirada do dia 3, um festival taurino no dia 8, e uma largada de toiros no dia 17, pelas 19 horas.

Tomam parte nos vários dias quinze ranchos folclóricos, quase todos do Ribatejo.

Realiza-se o concursso Hípico nos dias 10, 14, 16 e 17; exposição canina, no dia 15; gincana de automóveis no dia 12; concursso de tratoristas, no dia 17; parada da máquina, no mesmo dia; tiro aos pratos, no dia 9; festa do vinho, no dia 16; etc.

Com todos estes atractivos é de prever que a III Feira do Ribatejo alcance pleno êxito e corresponda à expectativa geral.

Oiça
Aos Domingos às 19 horas
Terças Feiras às 21,30 horas
Isto é Montijo
Em Rádio Clube Português

Carta de Lisboa

A Índia Portuguesa em face da Índia do Sr. Nehru

(*Continuação da 1.ª página*)

épica da conquista de Goa por Albuquerque pôs em relevo igualmente a obra realizada na administração e evangelização dos nativos.

Descreveu a traços largos a vida movimentada da cidade de Goa nos princípios do século XVII, quando «quem via Goa não precisava de ver Lisboa.»

Citando a frase de resposta que os companheiros de Vasco da Gama deram a um emissário do Samorim de Calicute quando da sua chegada àquele porto: «vimos buscar cristãos e pimenta,» mostra o seu significado profundo e dá-a como resumo de toda a acção de Portugal na Índia.

A obra de missionarismo da Índia, mereceu-lhe igualmente larga referência, tendo servido de base à política essencialmente conciliadora que sempre ali Portugal desenvolveu. Tal facto é, segundo o conferencista, a principal razão porque a soberania portuguesa perdura ali, praticamente, quase incólume.

Na segunda parte da sua conferência, o dr. Alves de Azevedo afirma e desmonstra que a União Indiana jamais teria existido sem a presença de Portugal na Índia.

Referiu-se aos vários e deploráveis aspectos da vida social na União Indiana que, na sua opinião, a impossibilita de vir a tomar, com decência, lugar entre as Nações.

Aponta a lamentável situação dos párias — 50 milhões de desgraçados — dos 25 milhões de selvagens chamados filhos da terra, dos 300 milhões de analfabetos, residentes nas setecentas mil aldeias onde há apenas trinta duas mil escolas, as doenças que ali florescem sem controle como a malária, cólera, varíola, etc; estado de coisas em grande parte provocado pela deplorável falta de higiene que a superstição e as práticas religiosas anti-naturais ainda mais agravam.

Aludiu aos antecedentes históricos susceptíveis de explicar as razões profundas da política externa da União Indiana e aos acontecimentos e convulsões, que tiveram como teatro o subcontinente, onde a lei e a ordem ficaram completamente subvertidas pela violência sanguinária dos seus habitantes.

Testemunha de vista de muitos desses acontecimentos, relatou finalmente alguns episódios impressionantes que tristemente têm dado notoriedade à União Indiana desde a independência.

No final da sessão, o sr. presidente da Câmara agradeceu ao conferente a honra que dera a Vila Franca de Xira em ali se ter deslocado para proferir tão brilhante lição por todos recebida com o maior agrado e, a pedido da Direcção da Biblioteca-Museu, entregou aos srs. Joaquim António Santos Mota e Joaquim Jorge Rodrigues Teixeira, os prémios de assiduidade de leitura que lhes foram atribuídos em referência ao ano de 1955.

O IV Congresso da União Nacional

Na noite de 30 de Maio passado, inaugurou-se em Lisboa, na Sala Portugal da Sociedade de Geografia, o IV Congresso da União Nacional.

A sessão de abertura, que se realizou pelas 22 horas daquele dia, foi presidida pelo sr. Presidente do Concelho, dr. Oliveira Salazar, que tinha à sua direita os srs. Albino dos Reis, Cancela de Abreu, Pires Cardoso, Correia de Barros, Ribeiro da Silva, Silva Cunha e Mendes Correia, e à sua esquerda os srs. Costa Leite (Lumbrales,) Mário de Figueiredo, Gonçalves Rodrigues, André Navarro, Camilo de Mendonça, dr. Afonso Marchueta, e Cortês Lobão.

Depois do sr. Engenheiro Cancela de Abreu ter usado da palavra, propondo uma saudação telegráfica ao Chefe do Estado, falou o sr. Presidente do Concelho.

Do seu notável discurso, transcrevemos as palavras com que o iniciou:

«As palavras que se me pedem são para servir de abertura ao IV Congresso da União Nacional, mas não sei se podem constituir para ele introdução apropriada.

O Congresso tem de fazer, com o balanço da obra de nossa responsabilidade, a crítica das soluções e das deficiências; julgar da adequação dos princípios à resolução dos problemas que os portugueses enfrentam como sociedade política e como Estado; rasgar, se quiser, novos horizontes à acção e futuro da grei. Nenhuma destas missões me cabe a mim hoje, mas coisa muito diversa e situada em muito diferente plano.

Dada a atmosfera de grave perturbação em que se vive — revolto o mundo, minados os alicerces da civilização, perplexos ou desorientados os defensores da cidade — perguntaram-me alguns se não seriam de considerar, até como base das nossas reflexões e atitudes políticas, os riscos que daí podem advir-nos ou, por outras palavras, se não mereceriam exame, no meio da confusão actual, as razões da nossa confiança no futuro da Nação Portuguesa.

Há-de parecer estranho, senão ousado, o assunto. Para o tratar convenientemente seria necsssario o conforto dos acontecimentos e dos sistemas que se disputam à inteligencia dos homens e à direcção da vida dos povos: e eu não me sinto habilitado a ir além do ligeiro apontamento de factos e problemas do momento internacional, sem me comprometer em soluções, salvo as que nos interessam directamente. As outras cabem às grandes potências que conduzem o mundo e, pelo caminho que seguimos, lhe podem comprometer os destinos.»

Tanto a saudação ao Chefe do Estado, como o discurso do sr. Dr. Oliveira Salazar, foram apoteòticamente aplaudidos. Terminado este discurso, o Congresso foi encerrado repetindo-se as manifestações da assistência.

Nas Sessões Plenárias, que se efectuaram no Instituto Superior Técnico, nos dias 31 de Maio, e 2 de Junho, foram abordados os assuntos políticos constantes dos respectivos programas e que toda a Imprensa descreveu e que se trataram elevadamente.

O IV Congresso da União Nacional constituiu uma contecimento político de alta significação e alcançou um êxito sem precedentes.

Pela IMPRENSA

— No passado da 20 de Maio, o nosso colega «Maria da Fonte», que se publica em Póvoa de Lanhoso e de que é Director Aníbal de Magalhães, completou 67 anos de existência.

— Sua benção, minha avó! — impetra «A Província», com os desejos fervorosos de poder repetir a prece daqui a muitos e dilatados anos.

Sinceras felicitações!

— Também no dia 26 daquele mês se comemorou o aniversário da «Vida Rural», que se publica em Lisboa sob a Direcção do sr. Dr. João Marques de Almeida.

Como nos ligam laços da maior camaradagem, já pelas atenções realizadas, já por tantas e tantas gentilezas que nos dispensam, cumprimentamos com a maior satisfação o seu Ex.mo Director e quantos ali trabalham, augurando-lhes um futuro sempre próspero e uma longa existência de venturas.

Com um abraço fraternal!

— Com o n.º 28, de 20 do passado Maio, completou dois anos de vida jornalística «Ecos do Bombarral», que nessa vila se publica e de que é Director Salvador Carvalho Santos.

Saúdamos fraternalmente e desejamos longa e perene existência de constantes prosperidades.

Casa de Móveis
DE
Luís Moreira da Silva
Gerência de
Francisco Campos
Apresenta um grande e variado sortido de Mobílias restauradas e uma grande diversidade de móveis avulso. — Compram-se e vendem-se móveis aos melhores preços.
Rua do Hospital, 16 — Montijo

Este número de «A Província» foi visado pela CENSURA

Que não falte na sua mesa o café de
«A JAVANEZA»
Rua do Arsenal, 102
Telef. 22722
Enviam-se encomendas para a província

DESPORTOS

Futebol Clube Barreirense

O seu Ginásio-Sede é um empreendimento que honra a localidade e a massa associativa

Numa noite destas deslocámo-nos ao Barreiro para visitar o Ginásio-Sede do F. C. Barreirense, integrado num grupo de amigos e sem qualquer preocupação de observador ou com um plano de reportagem pré-concebido, porquanto não imaginávamos que se nos depararia tão imponente obra.

Foi, pois, com manifesta surpresa que nos acercámos do elegante edifício erguido em honra da popular agremiação desportiva do Barreiro, não imaginando, porém, o que de rico, de belo, digamos de maravilhoso, ali se encontrava encerrado. Excedemo-nos nos adjectivos, não porque se encontrem preciosidades artísticas ou tesouros em metais raros, mas porque, tudo o que ali se vê, só foi e é possível mercê dum sublime esforço, duma altruista dedicação, duma magnífica colaboração que não cansa enaltecer, em honra dos que se dispuseram a materializar um sonho, comum a todas as Colectividades, mas realizável apenas por aquelas que possuem dedicações e amizades equiparadas às dos Homens que levantaram aquele glorioso e imorredoiro padrão da Vontade e do Querer da Massa Associativa do Futebol Clube Barreirense.

Não interessa aqui realçar nomes, pois a obra só foi e é possível com uma congregação total de esforços, visando o Ideal e para ele canalizando toda a boa vontade.

O espaço não nos permite que nos alonguemos em considerações. Queremos, porém, frisar que tudo foi pensado e organizado da melhor maneira para servir os fins para que foi criada aquela Casa — cultura do espírito e aperfeiçoamento do físico.

Como português, sentimo-nos orgulhosos da Obra que envaidece quem a erigiu, por ter cabimento em qualquer parte do Mundo, dentro do âmbito para que foi criada; como montijense amargura-se-nos a alma, por vermos o marasmo em que caímos e não conseguimos idealizar o milagre que pudesse agitar as massas, de modo a interessá-las a construir um Monumento que se equiparasse e pudesse demonstrar aos vindouros a vitalidade da nossa época.

Limitamo-nos a erguer um Hino de Glória ao Futebol Clube Barreirense — seus dirigentes e associados — por tão meritória obra.

Sinceros Parabéns!

Manuel Lino

Afinal não era um «Scooterista»!

Por José dos Santos Marques

«AS DUAS RODAS — No lugar da Cumeira, perto de Alcobaça, um «scooterista» (Manuel Leitão) rompeu por um grupo de pessoas que estacionavam na estrada em esquecida discussão. Vários deles ficaram feridos, dois (Joaquim Saturnino, de 24 anos, e seu primo José Lopes Saturnino, de 18), morreram dos ferimentos. O delírio das duas rodas enche as nossas estradas (já com os problemas das de quatro rodas). As cautelas do trânsito terão de se pôr em termos novos. O causador do desastre está agora numa camisa de onze varas, tanto mais que nem tinha carta de condução. Mas que pensar e dizer de imprevidentes que, sabendo o que é o trânsito dos nossos dias, se plantam esquecidos no meio da estrada a discutir naturalmente o último jogo de futebol?»

«Diário de Lisboa», de 16-2-956

Decididamente os senhores de outros tempos não podem suportar os «scooteristas». São alérgicos ao progresso. Já assim foi com as bicicletas, depois com os automóveis, mais tarde com os aviões e agora com os «scooters».

Pacifista por índole, sempre calmo nos momentos culminantes, o «scooterista» sorri aos ataques sem procurar defender-se.

No entanto, será de aconselhar esta atitude de pacifismo? Não serão os ataques, dada a sua frequência, por demais virulentos para que se possam suportar?

Em todos os campos há bom e mau e, certamente, não queremos medir todos pela mesma bitola. No entanto, infelizmente, é o que, a cada passo, se está fazendo com demasiada insistência.

Nos próprios jornais há bons, sérios, conscienciosos jornalistas e outros que, por mais que façam, não conseguirão passar jamais de escribas. Do que se depreende que nem toda a gente que guia um «scooter» é «scooterista», do mesmo modo que nem todos quantos escrevem para o jornal são jornalistas.

Tudo teremos que ponderar com justiça — porque de justiça justa — passe o pleonasmo — é do que, na verdade, mais precisam os homens.

A continuarmos a tomar o caminho que tudo parece indicar, qualquer dia os «scooteristas» tornam-se o bode expiatório, senão mesmo o inimigo público N.º 1, de todos os anacronismos do nosso trânsito e dos não menos anacrónicos condutores e peões.

Assim não! Sejamos leais, aprendamos a julgar com pleno sentido das realidades.

Castiguem-se exemplarmente os aventureiros que conduzem sem carta, castiguem-se os condutores que não cumpram rigorosamente o Código da Estrada e os sinais de trânsito, mas castiguem-se igualmente e com o mesmo rigor os peões que fazem da estrada ou das ruas ponto de reunião, que atravessam sem olhar e que pouco ou mesmo nada se preocupam com os graves problemas que criam aos outros com a sua imprudência!

Basquetebol

Maria Pia, 70 - Montijo, 52

Encontro realizado em Lisboa no passado domingo, dia 3, a contar para o Campeonato Nacional da 2.ª divisão e arbitrado pelos srs. José Vidal e Cunha Santos.

As equipas alinharam:

MARIA PIA: (33 cestas e 4 lances livres transformados em 16 tentados), Muge (22), Artur (4), Nogueira, Cortez (8), Gastão (27), Rebelo (9) e Silva.

MONTIJO: (23 cestas e 6 lances livres transformados em 9 tentados), Pinto (2), Cosme (2) Tomás (42), Rosa (5) Lucas (1).

Ao intervalo 37-21 a favor do Maria Pia.

Terminou a 1.ª fase do Campeonato Nacional da 2.ª divisão e com ela a participação do C. D. M., durante a época que corre, em Torneios oficiais.

Não se pode dizer que o comportamento tenha sido mais ou menos razoável; mas como este é um assunto de que em breve nos ocuparemos, por agora só interessa o jogo do passado domingo.

Rico em números mas pobre em jogo, era o título que poderia encimar esta crónica. E passamos a explicar porquê:

As elevadas marcações só foram possíveis pelo desacerto com que jogaram ambas as equipas sobre a defesa, nomeadamente o Montijo.

Este facto em parte foi originado pela circunstância de Montijo só ter deslocado cinco elementos e um deles (Cosme) estar com quatro faltas logo no 1.º quarto de hora.

Que seria de Montijo só com quatro elementos caso Cosme fizesse outra falta e tivesse de abandonar o campo com o máximo permitido? Houve que reservar-se um pouco e o suficiente para permitir uma sequência de jogadas que quase sempre davam cesto.

Também no ataque não houve felicidade. Enquanto Tomás esteve no seu normal (quer dizer, normal a jogar bem), Pinto, que na semana anterior necessitava da ajuda de Tomás, desta vez esteve simplesmente desastrado, não atinando com o melhor tempo de salto para o lançamento em suspensão e dando aso a que sucedesse o inverso: Tomás precisar da sua colaboração. Contrastes que o Desporto nos oferece.

Gostámos novamente do Maria Pia no capítulo de organização e agora reforçado com um excelente jogador de tabelas, Gastão, o que equilibrou o domínio dos ressaltos. Excelentes três cestos em «Tapinha», obtidos por este jogador e reveladores de magnífica técnica individual, assim como de grande preparação atlética.

Simplesmente, nunca a equipa do Maria Pia atinou com a melhor marcação a Tomás, daí resultando vir ao de cima o seu poder excepcional de encestamento como o provam os 40 pontos obtidos, números não muito vulgares nos melhores jogadores portugueses.

Arbitragem criteriosa.

Luciano Mocho

Columbofilia

«Galeria dos Campeões»

2.º Castelo Branco - Montijo - 182 Km.

Taça «Severiano Correia»

Vencedor: António Correia

Começou a concorrer esta época o senhor António Correia, apesar dos seus 50 anos, e é já um dos grandes entusiastas da modalidade. Tínhamos interesse em ouvi-lo para «A Província» pela sua primeira vitória, a que acedeu com todo o entusiasmo, pondo-se prontamente à nossa disposição.

Começou adquirindo aves aos senhores Raúl Lopes Martins e José Constantino Borges, grandes entusiastas lá do bairro do Afonsoeiro, onde reside. Sente grande prazer em ser o primeiro lá do sítio que conquistou um primeiro prémio esta época.

— Concorre ao natural senhor Correia?

— Sim, pois desconheço outro método. Também não as drogo.

— Qual a alimentação que prefere?

— Só milho.

— Possui muitas aves?

— Seis. Mas espero esta época aumentar a colónia.

— Quais os amadores por quem tem mais simpatia?

— Raúl Lopes Martins, José Constantino Borges e Benjamim da Silva, — este um compeão com nome já feito.

— Acha algum defeito na orgânica nacional?

— Sim, muitos, mas quero salientar as importâncias exorbitantes que a Federação cobra nos concursos internacionais, dificultando ao máximo o envio de aves das classes pobres, porque a columbofilia não é representada apenas por algumas pessoas, mas acima de tudo pelas massas de pequenos amadores, que praticam a modalidade com grandes sacrifícios.

— Senhor Correia: sente o desejo de dizer mais algumas palavras.

— Saudar todos os amadores montijenses e agradecer ao semanário «A Província», pela desinteressada colaboração em prol da columbofilia. Restava-nos agradecer ao senhor Correia tudo quanto nos tinha dito e em especial as simpáticas palavras dirigidas ao jornal «A Província».

Classificação Individual

António Correia, 1.º; Cristiano J. Moreira, 2.º, 7.º e 8.º; Eduardo S. Terras, 3.º e 15.º; António F. Nunes, 4.º e 19.º: Benjamim Silva, 5.º e 14.º; Jorge Sotano Lopes, 6.º, 10.º e 11.º; Francisco J. Silva, 9.º, 13.º e 16.º; Joaquim S. Lopes, 12.º; Víctor M. M. Viegas, 17.º; Custódio V. Silva, 18.º; Justiniano Oliveira, 20.º.

Campeonato de Velocidade Resultado Final

1.º, Jorge Sotano Lopes — Taça A. Vespeira; 2.º, António Fonseca Nunes — Anilha de Prata; 3.º, Justiniano Oliveira — Garrafa de Aniz.

Eduardo Baeta

José Teodósio da Silva
(Herdeira)
Fábrica fundada em 1900 (em edifício próprio)
Fábrica de Gasosas, Refrigerantes, Soda water, Licores, Xaropes, Junipero, Cremes de todas as qualidades, etc.
Fabricos pelos sistemas mais modernos.
Rua Formosa 8 — Telef. 026204 — 9
MONTIJO

Duas vitórias Portuguesas

As vitórias alcançadas pelos portugueses contra os espanhóis, — no hóquei e no futebol —, no Porto e em Lisboa, encheram de júbilo todos os desportistas e todos os que não gostam de ver mal colocadas as cores da nossa bandeira.

Portugal ressarciu-se das derrotas passadas, principalmente no futebol, elevando-se no conceito geral pelos dois triunfos de agora e provando que somos capazes de acompanhar os países da vanguarda desportista, com manifesta vantagem.

Toda a imprensa do país vizinho nos faz justiça neste momento, sendo para destacar as referências à preparação dos atletas, — assunto que, em verdade, andava muito por baixo nos cuidados indispensáveis para se vencer.

Estão, pois, de parabéns os que prepararam estes resultados, os que os obtiveram, e todos nós, os que sentíamos profundo desgosto com a marcha do desporto nacional nas suas quase constantes inferioridades.

É preciso, no entanto, não dormir à sombra dos louros colhidos e continuar aquela intensiva preparação dos atletas. Está provado que não nos faltam qualidades para marcar a nossa posição nos prélios internacionais e que, se não nos deixarmos encantar com estas vitórias, poderemos ainda mostrar que estamos dispostos a seguir na primeira plana dos desportistas mais distintos.

«A Província», que desde a primeira hora tem dedicado as suas colunas à causa do Desporto, manifesta a sua satisfação pelas vitórias e faz ardentes votos pela sequência dos esforços futuros.

TELHA PORTUGUESA
Vende-se quantidade em boas condições
R. Tenente Valadim, 17
Telef. 026023

Mocidade Portuguesa

A Delegação Provincial da Estremadura presta homenagem à memória do Eng. Maciel Chaves

A última ordem de serviço da delegação provincial da Estremadura, em distribuição a todos os centros da divisão, insere a seguinte legenda de homenagem à memória do eng.º Maciel Chaves:

«A delegação provincial da Estremadura presta a sua homenagem ao seu antigo graduado e dirigente José Júlio Maciel Chaves, que tão bem soube sintetizar e viver, nos seus vários sectores, tudo o que a Mocidade Portuguesa oferece de formativo e entusiástico.

Foi, até o fim, um intérprete fiel do nosso estilo.

Maciel Chaves, primeiro mártir da Mocidade, firmou com o seu sangue esta certeza: Nada do que somos se destrói com balas. O espírito transmite-se, fortalece os que ficam e eleva-os mais alto.

Esta homenagem é ainda uma lição extraída do seu exemplo para todos os que vivem as horas actuais da nossa luta.

José Júlio Maciel Chaves!

PRESENTE!»

Do Minho ao Guadiana

Vila Nova de Milfontes

Melhoramentos inaugurados

Foram inauguradas nas Brunheiras duas escolas do Plano dos Centenários.

Após a inauguração seguiu-se uma sessão solene, presidida pelo Delegado do Presidente da Câmara Municipal, Sr. Braklamy Dias, ladeado pelo representante da Vereação Sr. Barros e Silva, Presidente da Junta de Freguesia Sr. João Rodrigues Bezerra, Delegado Escolar do Concelho, Sr. Rui Rodrigues Júlio, Presidente da Assembleia Geral da Casa do Povo, sr. Rui Ventura de Oliveira e comandante do Posto da Guarda Fiscal Sr. António Roldão.

Aberta a sessão, usaram da palavra os Srs. Rui Rodrigues Júlio e Rui Ventura de Oliveira, que enalteceram a grandiosa obra do Estado Novo, prestando homenagem aos dirigentes da Nação, e lembrando o saudoso Ministro Duarte Pacheco, a quem se devem as escolas do Plano dos Centenários.

Seguiu-se um Porto de honra tendo sido levantados vários brindes ao Estado Novo, Salazar e outras entidades mais.

O Povo da Freguesia de S. Luís mandou uma representação, o que demonstra, uma vez mais, os laços de amizade que ligam desde tempos remotos estas duas freguesias. — (C.)

Aldeia do Bispo

Penamacor

NASCIMENTO — No passado dia 21 de Abril teve o seu bom sucesso na Casa de Saúde de Santiago, da Covilhã, a Ex.ma Sr.a D. Maria Helena Cordeiro Godinho Campos Ferreira, esposa do Ex.mo Sr. José Martins de Campos Ferreira, Dig.mo representante da Socony Vacuum Oil Company, naquele cidade.

Aos pais da menina, a quem vai ser dado o nome de Maria do Rosário Godinho Campos Ferreira, e aos avós Ex.mos Srs. D. Maria Robalo Cordeiro Godinho, Francisco da Costa Ribeiro Godinho, D. Elvira de Campos Ferreira e Domingos Borges de Campos, nosso prezado assinante, os nossos sinceros parabéns.

— Em Lisboa, faleceu na passada semana a senhora D. Lusia Ribeiro Sandrino Rebelo Elvas, esposa do Sr. António Rebelo Elvas, chefe da estação dos C. T. T. desta aldeia. Os nossos sentidos pêsames.

Publicações Recebidas

Plateia — n.º 124 — *Director Baptista Rosa — Lisboa.*

Larga reportagem de assuntos de cinema, muita ilustração, estampa em separado de «Costinha».

Como sempre, muito interessante e recomendável.

Gazeta Literária — n.º 44 — *Director Mário do Amaral — Porto.*

Não destoando dos números anteriores, «Gazeta Literária» apresenta-se-nos repleta de óptima colaboração, sua secção de «Livros e Autores», «Legislação sobre a propriedade literária, científica e artística», Versos, Panorama, «Um plágio descabelado», «Breves considerações sobre Música e compositores», etc.

Revista Portuguesa de Seguros — Série n.º 4 - Abril — *Director Luís Costa Santos — Lisboa.*

Dentro da especialidade a que é dedicada, esta Revista impõe-se pela apresentação e pelos assuntos que aborda.

O sumário do presente número inclui: «O seguro de vida e os seus remotos antepassados», «Brevíssima história do seguro de vida em Portugal», «Uma rasgada iniciativa seguradora e uma clarividente legislação sobre seguros,» etc.

E', decerto, um exemplo no meio segurador e, aos que nele militam, interessa sobremaneira.

Folheto do Banco Português do Atlântico, com o discurso do presidente do Conselho de Administração do Banco, pronunciado na Assembleia Geral de 10 de Março do ano corrente.

Este discurso versou o tema: Alguns aspectos da economia portuguesa em 1955. Acompanhando-o, **«O Boletim Económico e Financeiro»,** — n.º 4 - Abril deste ano corrente.

Um e outro, esplêndidamente apresentados, de interesse indiscutível para os que vivem no ambiente das questões económicas e financeiras do nosso país.

— A todos agradecemos, com o maior reconhecimento, os exemplares que nos enviaram.

Cultura — revista de Educação Popular. Director: *Dr. João Alberto Frazão de Faria.*

Recebemos o N.º 3 desta criteriosa e bem orientada Revista, com referência aos meses de Maio e Junho.

O seu objectivo, fora das características escolásticas da maioria dessas publicações é, na maior verdade, em extremo simpático e quiça proveitoso.

É este sentido prático que distingue «Cultura», de modo a alcançar a «educação popular» que pretende e procura como supremo desiderato.

Percorrendo a vária colaboração do número presente, consideramos que esse objectivo e esse sentido prático são tidos na devida conta, embora também concluamos que, nalguns assuntos, já é indispensável certo somatório de conhecimentos para sua completa compreensão...

Uma revista desta natureza fazia, no entanto, falta no nosso meio.

Esse problema da «educação popular», tão necesssário e tão premente, é tratado com superior visão e profunda consciência.

Após o prefácio elucidativo, acerca dos pontos de interesse imediato, abordam-se a «Civilização Maya», a «Vida de Rimsky Korsakow», «poetas estrangeiros», «o direito de punir», e «falando de tartarugas». Alem disto, ainda as secções de português e de contabilidade.

A «Cultura» atingiu a cifra dos cinco mil assinantes. Fazemos votos para que, num crescendo constante, atinja a cifra de que necessita em seus desígnios.

E muito agradecidos pelo exemplar enviado.

Jorge Ramos

Este nosso distinto colaborador e amigo, — notável escritor e jornalista —, acaba de ser agraciado com a condecoração da Ordem do Cruzeiro do Sul.

A sua reconhecida actividade e fervorosa dedicação pela cultura brasileira, tornaram justa a honrosa distinção.

Endereçamos-lhe, por este motivo, as nossas felicitações e cumprimentamo-lo afectuosamente.

Um Milhão em circulação!

Prova incontestável de extraordinária qualidade e preferência

Vespa

O PRIMEIRO SCOOTER DO MUNDO

Assistência técnica por mecânicos diplomados e completo stock de peças e acessórios — Grandes facilidades de pagamento

Agentes exclusivos:

MARPAL, L.DA

TELEF. 026455 MONTIJO

N.º 11 Folhetim de «A Província» 7-6-956

Aldeia do Avesso

Por Alvaro Valente

Entretanto, a construção seguia seu rumo.

Após os alicerces, as paredes nasceram e cresceram, com largos portões e janelas rasgadas, e já se viam as ferragens e vigas para os madeiramentos a colocar em breve.

Formando ângulos com a frontaria, traçavam-se ainda vastos armazéns, oficinas futuras, casas de maquinismos, escritórios e mais instalações da planta.

O movimento era contínuo.

O encarregado das obras dava ordens e gritava a todo o instante.

Tinha «cara de poucos amigos», o sr. Manuel Morais. Saído por manobras várias das massas trabalhadoras, era a justificação perfeita do velho ditado: «Se queres ver o vilão...».

Ninguém como ele sabia fiscalizar, apertar ao máximo, esmiuçar esforços, aproveitar ninharias. E sempre que se precisava de rigidez e rigor, na vigilância dos interesses materiais, o seu nome vinha à baila como indispensável.

Dizia muitas vezes com ênfase: No aproveitar é que vai o ganho... E ao passo que para patrões e superiores era melífluo e esponjoso, amoldando-se em tagates sorridentes, para os que trabucavam sob o seu mando só tinha cara de ferro, — aquele olhar de inquisidor.

Era o ideal, portanto.

Enquanto sentia no «limão» gota de sumo, expremia com a tarraxa da sua violência; depois, pegava no «limão», dava-lhe duas voltas de espreita e deitava-o para o lado. Já não lhe servia.

Por tudo isto, o sr. Morais fora levado para aquela obra como elemento imprescindível.

Os da aldeia chegavam-se e pediam trabalho. Ele media-os de alto a baixo, fazia cálculos, analisava-os demoradamente, e comentava com seus botões: — Mais «limões» para espremer...

Em seguida, escolhia os musculosos, os espadaúdos, e despedia os mais fracos com promessas que nunca cumpria.

Eles partiam de cabeça baixa, amachucados; mas não desistiam. Dias depois lá voltavam, na esperança de serem admitidos. O sr. Morais, porém, não os esquecera. Não lhe serviam os raquíticos, os esgrouviados sem cores nem músculos, — os que «precisavam de vitaminas», como ele dizia; e de sobrecenho e ar compungido tornava a despedi-los até a próxima semana.

Na aldeia tinham começado as inquietações.

Os que arranjavam trabalho grimpavam de alto, em fanfarronadas torpes, e já tratavam com soberba os «rejeitados»; por sua vez estes, enraivecidos pela preferência e pelos gracejos, retorquiam e peguilhavam em pior tom.

Já eram vulgares os conflitos, as desordens, os ódios que ficavam de remissa para porvindouras retaliações.

E desta forma, insensivelmente, a população ia-se dividindo em dois partidos, homens contra homens, famílias contra famílias.

Ti Santana observava e ruminava considerandos:

— Isto caminha no sentido que apontei. Começa a inundação; e, como dizem que nas índias, traz serpentes nas águas sujas e barrentas.

Os cachopos atiravam-lhe pedras e fugiam.

— Já os ratos vão saindo das tocas...

E o mulherio ria-se-lhe na cara, alvarmente. Só os velhos o escutavam, embora muitas vezes o não compreendessem, porque pressentiam a aproximação dos perigos e tinham também a longa prática da «travessia».

Aos Domingos a «canalha» subia até o povoado, invadia os cinco «centros de cultura», e ao som de harmónios e harmónicas formavam bailaricos nos terreiros fronteiriços.

(CONTINUA)

A Tua Página

Coligida para a mulher moderna, por Olga

Querida Amiga:

Esta página que «A PROVÍNCIA» vai passar a publicar periòdicamente é a tua página.

Procurarei torná-la tanto quanto possivel atraente e do teu pleno agrado e tu vais, certamente, ajudar-me muito nesta tarefa dando-me preciosas e indispensáveis sugestões.

Gostaria também que não ficasses zangada por cada número não trazer tudo quanto tu e eu ambicionávamos; mas não calculas a tremenda dificuldade que se nos depara quando pretendemos enquadrar no tão reduzido espaço de uma página tanta coisa que interessa á mulher moderna.

Não traçarei nestas modestas palavras de abertura o programa desta tua página: precisamente porque ela é tua, não tem programa, será aquilo que tu quiseres.

Um abraço da tua boa e dedicada amiga

Olga

Roupão e Pijama

Aqui tens um agradável conjunto de pijama e roupão que poderás fazer em tobralco ou qualquer outro tecido semelhante, avivado a branco, com botões de madrepérola ou de acetato, que imitam a madrepérola e são muito mais baratos, sem deixarem de ser de bom aspecto.

A tua boa presença doméstica ajudará muito a manter a amizade e o interesse do teu marido, proporcionando-te um lar feliz.

Faz sempre falta numa sala de estar. Este tem a vantagem de ser muito simples e moderno.

U M B A R

TENS UMA «SCOOTER»?

Este modelo de saia-calça é muito curioso e poderás aproveitá-lo também para quando passeares de bicicleta.

Pode ser que ele goste...

Sopa de Abóbora

Coze-se a abóbora, depois de partida em pedacinhos, em água e sal. Escorre-se e passa-se pelo passador. Junta-se leite e leva-se ao lume até ferver. Tempera-se de sal e acrescenta-se uma colher de sopa de manteiga.

Serve-se com quadradinhos de pão torrado.

Pescada à Andaluzia

Temperam-se as postas com sal e limão. Passam-se por farinha e por ovo batido e fritam-se em azeite.

Serve-se acompanhada de cebola frita às rodas, batatas cozidas, salsa frita e pimentos.

Vitela à Francfort

Preparam-se pedaços de vitela finos e compridos que se enrolam em salsichas de conserva. Ata-se cada um destes rolos com um fio, para evitar que se desenrolem.

Alouram-se em manteiga os rolos assim preparados.

Na manteiga onde os rolos se alouram, deita-se uma colher de farinha e deixa-se esta tomar uma côr escura. Acrescenta-se-lhe caldo de carne, desengordurado, pimenta, salsa e cebolinhas cortadas.

Estufam-se um pouco os rolos neste molho.

Servem-se bem quentes em pequenos tachinhos de barro, um para cada pessoa, acompanhados de ervilhas que prèviamente se cozeram em água e sal, e de batatas fritas, em quartos.

Taças Jacques

Faz-se um creme de leite perfumado com casca de limão ralada e deixa-se arrefecer. Mete-se no frigorífico e, quando gelado, mistura-se-lhe nata fresca na proporção de um decilitro para três de creme. Deita-se em taças e espalham-se por cima frutas cristalizadas. Rega-se cada taça com uma colher de rum e servem-se geladas.

Talvez lhe sirvam . . .

RECEITAS

Para limpar tapetes deita-se uma porção de fel de vaca, em água fria. Esfrega-se o tapete, com uma escova mole, molhada nesta água. Depois passa-se com água limpa, e seca-se com um pano.

. . .

Os bronzes antigos — vasos, estatuetas, placas, etc. — devem ser lavados periòdicamente, para se conservarem os objectos sem grande acumulação de poeira nos intervalos dos ornatos.

Deita-se numa bacia água a ferver, e ali se metem os objectos um por um. O bronze deve ser depois esfregado com um bocado de flanela, grossa, enrolada numa escova forte. Um pano de pó, macio, é o que se usa para secar os artigos, aos quais se dá brilho com uma escova de camurça.

Aproveita, se quiseres

Para arrumares os sapatos. Simples de fazer e agradável à vista.

Se o teu marido é fumador, aproveita esta ideia original para ele guardar o seu cachimbo.

Para os teus filhos, poderás fazer, em qualquer tecido barato (género organza), daqueles que se encontram agora à venda, estes graciosos vestidinhos.

Aqui tens a resposta...

Esta secção servirá para dar respostas curtas à tua correspondência, esclarecer as tuas dúvidas, aconselhar-te nos teus problemas e dar-te pequenas indicações de que precises.

Cá fico à espera da tua carta e poderás aproveitar para me dizeres, francamente, se gostas ou não desta tua página.